

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1188	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	30 de Dezembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

NATAL



A ADORAÇÃO DOS MAGOS

QUADRO DE DOMINGOS ANTONIO SEQUEIRA

(Do Cartão existente no Museu Nacional de Belas-Artes)

CRONICA OCCIDENTAL

Uma cronica de fim de ano deveria ser como que um balanço, do bom e do mau que se praticou nesses medidos trezentos e sessenta e cinco dias prestes a findar.

Deveria ser, se fossemos a misturar tristezas com alegrias, como de resto é a vida; mas «aguas passadas não móem moínhos» e o que lá vai lá vai, e de o recordar ninguém se alegra.

Preparemo-nos antes para saudar o novo ano que se aproxima com todas as ilusões do costume, com todas as esperanças de melhor, com todos os seus castelos dourados a povoarem as almas sequiosas de riquezas, e, se nos é permitida alguma ambiçõesinha, pediríamos, ao menos, que não seja peor do que o seu antecessor.

E em festa vamos de pleno Natal, em festa da Familia, que sempre o foi no rolar dos seculos e que o cristianismo mais apertou em seus laços de amor universal, quando ensinou aos homens que se amassem e sagrou a familia como a aspiração mais carinhosa e santa da humanidade.

Em festa vamos, e é percorrer todos os lares, do rico ao pobre; dos salões, onde impera o luxo e a abundancia, á choupana do pobre onde mal ha o indispensavel e a brôa trigueira a esfarelarse no caldo verde, tudo quanto a ucharia da casa pode fornecer.

Mas a alegria é a mesma, muita vez mais sincera do que a do rico, porisso que é mais simples.

Se não tem os salões iluminados como o dia, arde na lareira o resequido tronco a cujo calor se aquecem os circunstantes, em grande conforto e lhes vac iluminado o tugurio com a luz dourada do seu braçido.

Arde ali o tronco que o machado decepou da velha arvore; arde e é como ouro o brilho da sua brazia, tão lindo e mais luzente que o frio e inerte metal. Na alvura da cinza, em que se transforma, mostra a pureza da materia de que se compoz. O seu calor e a sua luz tanto aquece e ilumina o rico como o pobre, mas é mais deste, com ele vive, com ele morre.

O pobre tambem tem o seu ouro!

E em festa vamos, e das crianças é ela principalmente, com a arvore do Natal, onde as mães alcandoram mil enlevos como dourados frutos, que são a delicia dos seus filhinhos, a alegria da familia.

A arvore tem parte importante na festa do Natal; pois dela lhe vamos falar.

No liceu *Camões* ce'brou-se a festa da arvore, como festa infantil das creanças a quem era dedicada. As creanças teriam na festa a parte mais importante, festa educativa, lançando naquelles espiritos infantis a semente do amor e do respeito pela arvore, a grande amiga do homem, uma das maravilhas da natureza.

Que de coisas poderia contar aos meus juvenis leitores acerca das arvores, desses monumentos seculares da natureza, que o homem não sabe construir, e que tanta vez tão barbara e ingratamente destróe!

Mas como contar tantas historias interessantes, sem fatigar demasiado a atenção dos pequenos leitores?

Dizer-vos que o culto das arvores provém dos povos mais primitivos; que os pagãos tinham as suas arvores sagradas e simbolicas, que povoavam as densas florestas, que eles consideravam como templos, onde habitavam as divindades que adoravam. Era nessas florestas umbrosas e solitarias que iam prestar culto aos seus deuses simbolizados em cada arvore, como a oliveira a arvore de Pallas, de Minerva; o mirto a arvore querida de Venus; o pinheiro a arvore de Cibele; o loureiro a arvore de Apólo; a vinha a arvore de Baco e de Pan; o cipreste a arvore de P. atão; o freixo a arvore de Marte, que da sua madeira se faziam as hastes das lanças; o carvalho a arvore de Jupiter e cujas glandes teriam sido a alimentação dos primeiros homens; o alamo a arvore de Hercules; a palmeira a arvore das Musas; e basta para não nos alongarmos de mais neste ponto.

Este culto chegou ainda aos povos do norte; os druidas veneravam o carvalho e o parasita, seu companheiro, o agarico. Os germanos tambem tributavam seu culto ao carvalho e ao pinheiro; os antigos habitantes da Hesse chegavam a fazer sacrificios ao grande *Carvalho Trovão*, que S. Bonifacio mandou derrubar no tempo de Carlos Martel.

O cristianismo acabou, em grande parte, com este culto pagão, que a moral cristã condemna-

va; mas os povos continuaram com as tradições, ainda que longiquas, dando ás arvores as honras de monumentos comemorativos de factos notaveis, como foram as arvores da Liberdade da Grecia e de Roma.

A tradição veio seguindo seu caminho e os ingleses importam da America do Norte a arvore da Liberdade a que chamam *May-poles*. Depois vulgarisa-se em França, onde as primeiras arvores da Liberdade são plantadas por 1790.

Deixemos o muito que havia a discorrer sobre arvores; para outra vez, caro leitor, visto que chegámos a um ponto que mais vos pôde interessar agora, porque melhor se relaciona com as arvores que plantastes. O que succedeu naquele ano de 1790 em França quando ella proclamava a sua primeira Republica, assemelha-se bastante com o que hoje está acontecendo com a joven Republica Portuguesa, ainda mais joven do que vós, que lhes assististes ao seu nascimento.

A França, ao proclamar a Republica de então, acendeu-se de entusiasmo como se acendera em guerra contra o velho regime; deu largas á sua fé no resurgimento de uma nova patria, de uma nova vida toda de Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade, que era como os simbolos de uma vida nova.

Para exteriorisar e dar vulto a este simbolo, o povo devotou-se a plantar arvores da Liberdade que ornavam de mimosas flôres e de fitas tricolôres, venerando-as como a propria bandeira da Patria. Por toda a França se plantaram arvores com esta intenção, e em dois anos o seu numero elevou-se a 60.000.

A primeira, segundo parece, destas arvores que se plantou, foi em Saint Gaudens, proximo de Civray, departamento de Vienne, pelo cura Norberto Pressac. Por um lindo dia de maio de 1790, aquella aldeia adquiria os seus fóros de municipalidade constitucional e o povo rejubilava, quando o cura, ardendo tambem no santo amor da patria, veio para o meio da praça plantar um carvalho novinho, e, em presenca dos aldeões, pronunciou um discurso, de que na *Histoire des arbres da Liberté*, de Gregoire, se lê o seguinte trecho:

«Ao pé desta arvore, lembrar-vos-eis que sois fancezes; e quando fordes velhos, recordareis a vossos filhos a época memoravel em que a haveis plantado.»

A este acto seguiram-se cenas tocantes; os cidadãos que andavam em demandas no tribunal deram por acabados os pleitos submetendo-se a arbitros; os maiores inimigos por differença de religião, os ricos e os pobres todos fraternisaram e assim puzeram em pratica o lema da sua patria nova: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Aqui tendes meus jovens leitores a alta significação dessas arvoresinhas que plantastes e que sempre as respeiteis como ás suas irmãs que por muita parte vêdes, lembrando-vos das palavras do patriota cura de Saint Gaudens.

CAETANO ALBERTO.

A adoração dos Magos

Cartão e quadro de Domingos Sequeira

Os visitantes do Museu Nacional de Belas Artes, mesmo os mais profanos em questões artisticas, não deixam de olhar com admiração para os quatro soberbos cartões, que sobressaem na sala *Sequeira* do Museu, entre a colecção de muitos e variados desenhos d'aquelle grande artista portuguez, que ali fóram reunidos.

São os assumptos dos cartões, ou *maquettes* de quadros, a *Adoração dos Magos*, a *Noite do Calvário* a *Ascensão* e o *Juízo final*, todos de notavel valor como obras de arte, em que se pôdem apreciar as eminentes qualidades artisticas de SEQUEIRA, pois n'elles se salientam a sábia e grandiosa composição, a variedade nos agrupamentos e atitudes das personagens, os efeitos de luz á *Rembrandt*, o que tudo dá um singular realce a estes modelos, não metendo n'este caso a formosura do colorido, d'aquelle nosso primacial artista, uma das glorias de Portugal.

Por fortuna no Museu pôde-se seguir o desenvolvimento da obra de SEQUEIRA (Domingos An-

tonio) representada por trabalhos do começo, meio e final da sua existencia; assim na *Apotheose de D. Maria I*, grande quadro feito quando o artista completava os seus estudos em Roma, demonstra já as altas qualidades de composição colorido do pintor, o qual no mesmo quadro figura com VIEIRA PORTUGUESA ambos jovens; em idade mais avançada do artista, o rembranesco quadro de *S. Bruno em adoração*, define a sciencia do claro-escuro, que tanto notabilizou o auctor da *Morte de Luiz de Camões*, e nos cartões, feitos novamente em Roma ao final da sua vida; todas essas qualidades de poderôso desenhador de que era dotado, se impõem á atenção geral dos visitantes.

A gravura que o OCCIDENTE publica da *Adoração dos Magos*, apesar de muito reduzida em relação do original, deixa bem apreciar os dotes de extraordinaria inventiva de composição, da formosura de desenho e da magia dos jogos de luz, de que só SEQUEIRA teve o privilegio em Portugal.

N'um fundo nebuloso e indeciso para as extremidades superiores do quadro, com liberdade poetica, alinham-se vagamente dorsos de elephantes a um lado, e arcarias de palácio ao outro; sobre este fundo salientam-se grupos de ricos orientaes e de judeus em atitudes admirativas e de adoração; sob um jacto de luz, que vem do alto, avultam iluminados os tres Magos, de joelhos, oferecendo o ouro, o incenso e a myrra da tradição ao menino Jesus, sustentado nos braços de Maria, posta de pé.

Mais de cinquenta figuras em variadas atitudes se observam n'esta grande composição, aliás de pequeno formato, e todavia o olhar dirige-se logo ao assumpto principal e só depois divaga curioso pelos diversos agrupamentos todos interessantissimos; o mesmo facto se dá nos outros tres cartões, apesar da differenciação dos assumptos.

E', como ficou dito, este um dos quatro cartões, feitos préviamente como estudos, para o artista pintar os quadros definitivos; quem escreve estas linhas teve ha annos a boa e rara fortuna de os contemplar no palácio dos falecidos duques de Palmella; n'estes admiraveis quadros, perfeitamente eguaes como formato, desenho e efeito aos cartões, com a differença importantissima de se lhe juntar a beleza do delicioso colorido e o primór do toque de pincel, apreciámos quanto o grande artista seguiu com a maior fidelidade os seus cartões originaes, de maneira que quem só vê os desenhos, fica tendo um proximo conhecimento d'aqueles primorosos quadros, dos quaes, para nós, é principalmente a *Ascensão* a obra prima.

E' sabido quanto DOMINGOS SEQUEIRA foi protegido nos seus estudos e era querido pelos antigos fidalgos da illustre familia Sousa Coutinho e assim por essa razão aqueles quadros feitos em Roma, proximo ao fim da existencia do glorioso artista, ficaram pertencendo á casa Palmella; a propósito d'isto, dizia nos o ultimo fallecido duque, ao passo que nos mostrava aquelas maravilhas, com carinhosa religiosidade, que os cartões deviam tambem figurar em sua casa, como em principio fóra, pois todo o espólio ficara na casa Palmella, após o fallecimento do artista.

Mais tarde por motivo de partilhas entre os duques e o marquez de Souza Holstein, ficaram pertencendo a este titular os cartões, o qual por sua vez os vendeu ao Governo Portuguez, razão porque aqueles admiraveis desenhos figuram no Museu das Janelas Verde, e ainda bem, dizemos aqui nós, pois assim todos pôdem admirar em parte os mais subidos trabalhos de SEQUEIRA.

O nobre duque de Palmella asseverou me n'essa occasião, que de bom grado daria, não só o conto de réis porque cada um dos cartões fóra vendido, como ainda daria bom premio ao Estado, para os readquirir novamente e assim ter essa obra de arte toda completa.

Aqueles quadros, aparte as pessoas das relações de visita dos duques, que os puderam apreciar, só estiveram a publico uma unica vez, durante uma exposição organizada na sala do Risco por 1852, salvo erro, e portanto varias gerações tem passado que nunca os puderam vêr e só pelos cartões ajuizaram e a actual pôde ajuizar, do alto merecimento artistico d'aquelas maravilhas da arte portuguesa.

E' portanto um d'esses belos desenhos ou cartões intitulado a *Adoração dos Magos*, que o OCCIDENTE reproduz n'este numero, o qual dá aos seus leitores, que não conheçam os originaes, muito proxima reproducção do aspecto de um d'aqueles preciosos estudos desenhados, que se admiram no Museu Nacional de Belas Artes de Lisboa.

RIBEIRO CHRISTINO.

Noite de Natal

A noite estava chuvosa e fria e o vento lá fora assobios estríduos parecia um gemido agudo de muito longe, das regiões misteriosas onde descansam os manes que nesta noite saem da profunda letargia para saltarem a sua vez ao vento que a havia de levar á terra onde vivem aquêles que, nêsse instante, teriam os seus espiritos entregues á uncção divina de uma evocação dolorosa.

Encanto inarcessível para as almas delicadas era essa harmonia suave e triste e gemebunda como os sons de uma viola de cego que na música põe toda a sua alma a debater se na escuridão eterna, a restringir-se em apertados vôos!

Noite solene em que as distâncias são transportadas pelos espiritos numa comunhão de idéias, numa afinidade de sentimentos.

Nas ruas os transeuntes são raros e apenas alguns esfarrapados tiritando de frio olham com inveja para as casas grandes onde faustosamente se celebra a tradicional festa familiar.

Eles, os desgraçados, sem lar e sem pão, sem um affecto a que se amparem não podem ser impressionados pelo misticismo da noite de Natal. Para elles é sómente uma noite peor que as outras, de maior tortura moral e física. Como poderiam compreender que aquêles que estão rodeados de todas as comodidades e do maximo luxo também sofrem nessa noite, um sofrimento salutar, é certo, mas pungente, — elles que só conhecem a dôr e a miséria e não podem avaliar quão cruciante é a pena que produz a ausência de uma pessoa querida, a saudade forte que nessa noite redobra de intensidade.

Porque embóra toda a familia esteja reunida e a felicidade lhe não seja extranha, é impossivel que uma recordação não surja do fundo dos corações, uma recordação profunda de *alguem* que, em tempos que não mais voltam, contribuiu ou foi o principal factor de uma felicidade a que a actual se não pôde igualar e que nas almas marcou fortemente um traço indelevel.

Os pobres párias escorraçados pela sociedade, perseguidos pela intempérie vão repousar os corpos exaustos nos humbraes de uma porta onde adormecem para no dia seguinte recommencarem a mesma vida que tantas vêzes os arrasta até ao crime.

Um pobre velho que bateu timidamente a uma porta receiando ser maltratado, pediu uma esmola: um pedaço de pão.

Era tão respeitavel a sua figura e fazia tanto dôr vê-lo assim, que seria um crime negar-lhe o que pedia.

E o humilde óbulo dado de tão bôa vontade por alguém que não era rico foi recebido por elle como se fôsse o maior tesouro. As suas palavras de agradecimento fóram tão tocantes e produziram tal impressão que durante toda a noite se recordaram.

Na modesta sala de jantar apenas estavam duas pessoas sentadas á meza onde sobre uma toalha muito branca fumegava uma sôpa abundante.

Essas duas pessoas eram mãe e filho. O dialogo era difficil. Um fundo de tristeza, de melancolia se notava ali.

Não era indifferente para isso o monótono bater das pezadas gôtas de agua no peitoril da janela de tal maneira compassadas que prendiam toda a sua atenção e concentravam o seu espirito num ponto único, invisivel, tornando-o abstracto, occupando-o todo com uma recordação.

E as palavras que diziam eram gritos de alma que com certeza se iam repercutir a muitas milhas de distancia, onde havia um coração que batia ao mesmo tempo que o seu coração, cujo sentir era o seu sentir.

Gradualmente a conversa aquecia e eram interminaveis narrações de scenas que se tinham passado ha muitos anos, descrições singelas de casos fúteis, os dias de alegria, os dias de amargura, risos e lagrimas.

A imagem veneranda do velho pae que tinha ido em busca de melhor fortuna para longiquas paragens revivia a seus olhos e parecia que estava ali a seu lado compartilhando aquêlle humilde festim que era grandioso pelo sentimento que traduzia.

Como a flôr resequiada que se guarda entre as páginas de um livro e que recorda sempre uma aventura, uma data ou um lugar, a noite de Natal tem o mágico poder de desenvolver por tal fórma o nosso es, frito, que conseguimos reproduzir perfeitamente os lugares, as épocas e até as

palavras que pronunciamos em determinadas circunstancias.

Entregues a essa evocação penosa que mais lhe fazia sentir ali a falta de *esse* a quem muito amavam, os dois convivas ouviam sempre o vento entoar a tenebrosa canção que fazia meditar na vida efémera em que tantas paixões se desencadeiam, em que ha tanta gente que sofre e a velha mãe sentia correr sobre a sua face rugosa e abatida uma lágrima — lágrima que traduzia uma saudade infinita.

A chuva continuava a cair e a terra emudeceu até que de madrugada um galo soltou o seu canto sonôro que indicava ao homem que devia recommencar a quotidiana labuta.

A. DE MELLO E NIZA.



Exposição de Pintura de João Vaz

Quasi ao fim do ano, por um dia chuvoso de dezembro, numa farta invernia de bategas d'agua sacudidas pela furia do vento, fomos rompendo com os elementos, até ao atelier Bombone na rua Serpa Pinto, a visitar a Exposição de Pintura de João Vaz, para o que havíamos recebido amavel convite.



João Vaz

Uma rajada de vento mais forte empurrou-nos pela porta dentro, e, sem olharmos para traz, achamo-nos no comodo conforto de uma sala, suavemente iluminada de luz de galeria e tão tranquila e silenciosa quanto lá fóra a lempestade tinha rugido bulhenta a meus ouvidos.

A entrada, um empregado offerencia-me um cartão com o catalogo, pela sala dois individuos analisavam placidamente os quadros e vagarosos iam passando pela sua frente.

Sentia-se bater a chuva nos vidros da claraboia, dentro o maior silencio.

Mal impressionado, porque nada faz mais falta a um peninsular que o seu querido sol brilhante, animador, principiámos o nosso passeio ao longo da galeria, detendo-nos ante os quadros que, pouco a pouco, foram desanuviando-nos o espirito com o brilho da sua generosa luz, na amplidão dos ares da paisagem e do mar, restituindo-nos, enfim, aquella boa disposição de animo, de que lá fóra o ceu pardo e gemebundo da tempestade, nos havia privado.

Era o poder do pintor que óperava o milagre, era João Vaz com as suas grandes télas luminosas cheias de luz e de côr, que tinha o condão de desanuviar-nos a alma e falar-nos ao coração, como sempre fala ao sentimento a risonha paisagem dos nossos campos, ou a poesia da beira mar das nossas lindas praias, onde os barcos de pesca baloicam ao impulso das vagas, ou varados no areal, os pescadores lá cosinham a caldeirada da ceia, pelas horas do sol posto, enquanto esperam a maré para voltarem á faina.

De tudo isto vimos na exposição de João Vaz, o seu genero de pintura para que sempre se inclinou e em que conseguiu ser mestre.

O Sado é seu rio predileto, como aquelle que banha a terra onde nasceu e que ele ao alvorecer da vida primeiro viu. Não ha recanto que não lhe tenha devassado e reproduzido na sua já numerosa galeria de quadros, com que ha trinta annos iniciou a vida de pintor, quando no

celebre café Leão d'Ouro, se reunia um grupo de imberbes artistas que discutiam arte, sonhando ridentes futuros, planeando obras, renascimentos, vida, e donde sahio a primeira exposição dos *novos* — então — sob os auspícios de Silva Porto, que vinha insuflar animo e coragem nos rapazes.

Era o celebre *Grupo do Leão*.

João Vaz era desse grupo de que todos sahiram artistas, dando que falar de si. Cheio de vontade, trabalhando sempre, foi professor de desenho para a Escola Afonso Domingues, dedicando-se também a trabalhos de decoração, mas sem nunca abandonar os seus quadros de marinhas, de paisagem, concorrendo ás exposições.

Agora apresenta nesta sua exposição um novo genero — interiores — em que se distingue com vantagem, reproduzindo um trecho da monumental igreja da Madre de Deus, em Lisboa, e outro da igreja de Santa Maria da Graça, de Setubal. Consegue nestes quadros bons efeitos de luz e de côr, principalmente quando reproduz o velho dourado da talha que reveste as capélas.

Um destes quadros foi adquirido para o Museu de Arte Moderna, assim como o intitulado *Piteiras*, bello pedaço de paisagem cheio de ar, de luz e de côr.

Não foi indifferente ao publico esta exposição, que visitou com interesse, e dela adquiriu alguns quadros, no numero dos quaes se contam os adquiridos pelo Presidente da Republica, visitante também da exposição, mostrando quanto o interessam estas manifestações de vida da arte portuguesa.

Apesar da molha que nos encharcou e não permitiu nos demorarmos na visita, sahimos dali satisfeitos, quando João Vaz entrava e o felicitámos pelo seu bello trabalho.

C. A.



Educação racional

Lição de geographia

A educação racional, donde sahirá a verdadeira moral e a futura felicidade dos povos, é a base de toda a educação, sendo ministrada desde a infancia, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, simultaneamente com o pão que alimenta o pequenino corpo, mas essa base só do seio da familia pôde sahir, só os paes intelligentes e fortes e com educação moderna a podem dar, os paes que amam a familia e velam pela educação e pela felicidade de seus filhos.

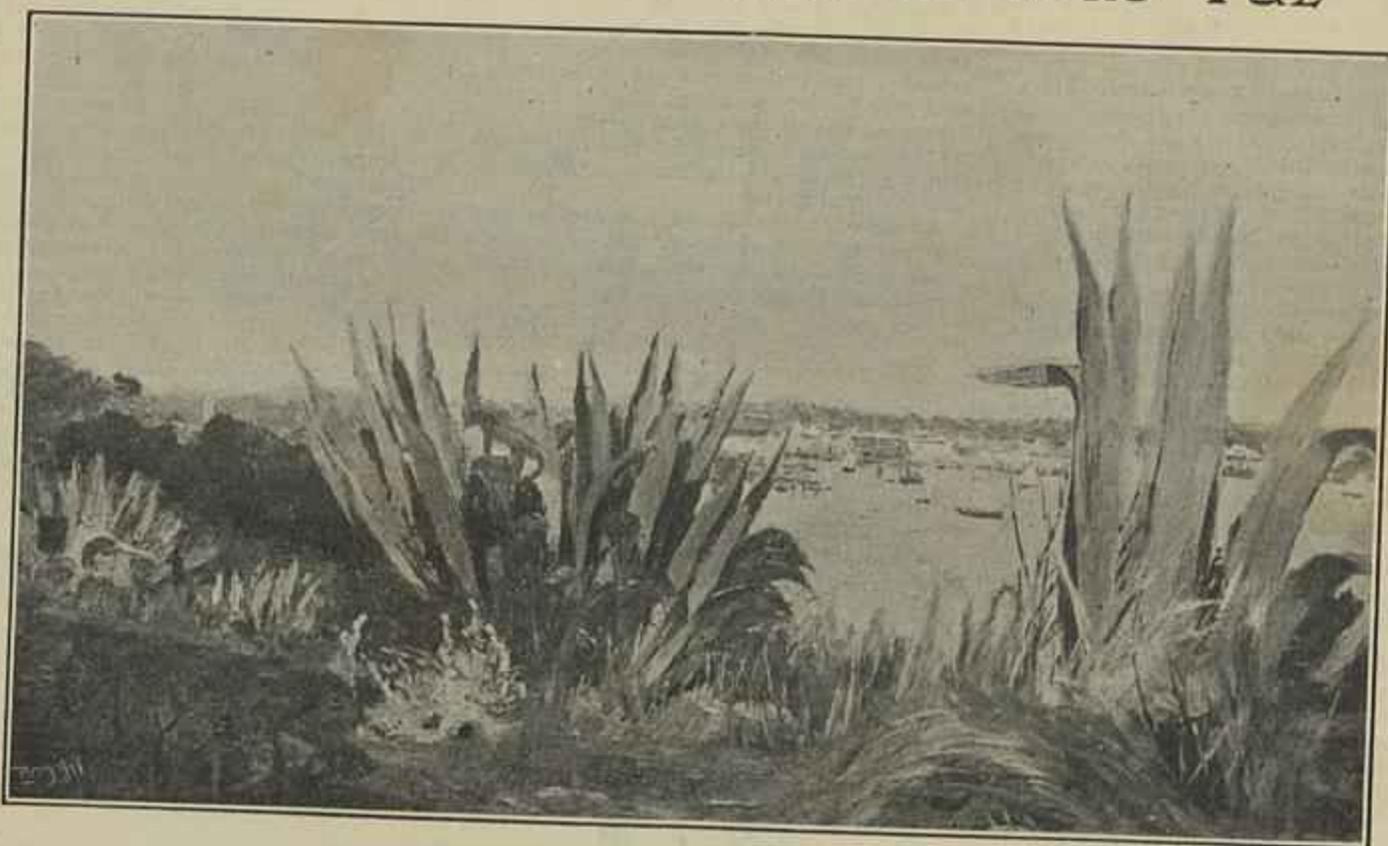
Educar e desenvolver o raciocinio da criança contrariada nas suas tolices e caprichos, obrigando-a por meios habeis e soasorios a raciocinar para discernir o bem do mal, estimulando-a á pratica das boas acções e reprimindo-a nas más, dando-lhe noções de sciencias e afastando-a de supsticiões tradicionaes, é desenvolver-lhes a intelligencia, é formar-lhes o character e o coração, e preparar a para a lucta da vida, é deixar-lhe uma grande riqueza e felicidade, finalmente todo o pae que assim educar um filho tem cumprido o maior dos deveres para com a familia, para com a Patria e para consigo mesmo.

Quando á religião do amor da familia o homem ajuntar a religião da Sciencia e do Dever como a religião da Patria e da Humanidade, terá sem duvida conquistado o mais alto grau de civilisação a que aspire.

Pois só a educação racional dará ao homem essa civilisação e felicidade.

Vêde como aquelle chefe de familia, como aquelle pae amantissimo está preparando para a lucta do futuro aquella criança, para que possa ser uma esposa admirada e querida e uma mãe educadora, dando-lhe, a par d'outras, lições de geographia. Allí lhe está mostrando n'aquella esphera terrestre onde fica situada no mundo que habitamos a nossa querida Patria, que se chama Portugal. Já por certo lhe terá ensinado aonde ficam as terras e os mares que os nossos avós descobriram e quaes as terras que ainda possuímos: Açôres, Madeira, Cabo Verde, Guiné, S. João Baptista d'Ajudá, S. Thomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Diu, Damão, Gôa, Macau e Timor. Lhe terá ensinado as divisões do globo, os polos, os graus de latitude e longitude, as diversas nações das cinco partes do mundo, incluindo o Brasil, a nossa segunda patria; lhe terá ensinado a nova divisão dos fusos horarios, em que Portugal está entre o fuso o e 23, e tudo o mais

Exposição de Pintura de João Vaz



AS PITEIRAS

que uma criatura medianamente instruída em geografia deve saber.

Consequentemente do estudo de geographia lhe terá ensinado algo de astronomia. Lhe terá dito o que é o nosso systema planetario, quaes as principaes constelações do infinito e quaes as que nunca se põem no horizonte, por ficarem sempre em torno da estrella polar. Lhe terá dito o que são as trovoadas, porque é que chove ou neva, etc., etc.

Quando os paes educarem os filhos sem pieguices nem superstições, e os ensinarem a lerem nos astros e nos reinos animal e vegetal como lêem no a b c e lhes incutirem o sentimento de todas as acções nobres e humanitarias; quando a percentagem dos inconscientes e dos desequilibrados fór nula pela educação racional, terá então o homem atingido o maximo da civilisação e da felicidade.

F. BAPTISTA.



Luar Indiscreto

Alteava a noite. Enlapeládo com denunciante nardito Anto jornadeava por avenidas lateradas de arquiteónicos rendilhados.

Emplumadas senhoras de sedas roçagantes passaram á muito, falaseando de rivais. Snobs flirtistas acompanhavam-nas envaidecidos. Agora estão abandonadas as avenidas. Escureceu a noite. Anto caminha indestinamente... caminha sempre.

Naquele in-jardinado palacito manuelino, alvejando majestoso entre roseiraes e gardenianas, á ruidosa consoada. Namorados contra-



SANTA MARIA DA GRAÇA (SETÚBAL)
 QUADROS ADQUIRIDOS PARA O MUSEU NACIONAL DE ARTE MODERNA
 (Clichés Alberto Lima)

dansam galantesca *farandole*, como figurinhas d'um Wateau. Avosinhos contam anedotas chistosas ás louras criancinhas, como germanicos gnomos.

Noitada fugás d'armonia e amor. Anto estonteado pelo odorificante roseiral, antegosa a festa por entre ramadas de arbustos. Entristece. Sufoca-o as lagrimas do coração... coração de pobre... Pobres não deviam amar... Amores de pobres, tristes amores são...

Terminou a *farandole*. Felises risadas veem chacotear aquela dôr; as rosas empalidecem.

Subito, silencio profundo. Nem risos no salão nem rumorejar no arvorejo. Gentil Mimi dedilha uma romanza inspirada nos idyllios dispersos no templo da felecidade. Composição d'amor dum coração sem eleito.

Anto, enleãodo naquele sentimentalismo, cantaroleia subtil. Mas, lentamente, gradualmente, torturado pela magua, vibrando-lhe alma portuguesa, enthusiasma-se, delira. Maestrina e libretista desconhecem-se, a inspição communga. Silenciaram-se chilreantes creancinhas, estasiavam-se velinhos de prateadas cabeças.

Terminou a romanza. Anto ficara sismático e sentia-se mais torturado.

Se dôr pudesse matar quem sofre por seu amor, Anto teria morrido Por tanto excesso de dôr.

Redopia-se uma valsa. No verde escuro do jardim a figura escultural de Mimi, abeira-se do trovador. Um discreto jacto luarento azulmente alumia a cena. Atrevidamente lua denuncia um falso amor. Olham-se; mas, Anto reverencioso numa galhardia fidalga, segreda-lhe:

— Recolhei, senhora, este nardo em vosso colo. E' reconhecimento dum pobre... Porque sou pobre, não dou coração. Não murchará jamais a candida florsinha... Porque não morrem amores pobres...

Mimi, oscula o nardito. Escutam-se passos. Mimi vai se. Anto parte. Entretanto um carreiro canta dolente:

Menina, por eu ser pobre não me negue amizade; Dar aos pobres é virtude, E' obra de caridade.

Foi assim a romanza do Natal. Romanza de amor.

Dez 911-

ALVARO NÉVES.

NOTA: Quadras da *Lyrice popular*, original de Pedro Vidoira.



Esperteza de um alfaiate

(Dos I. Grimm)

Era uma vez uma princesa extremamente vaidosa e orgulhosa que — sempre que alguém se apresentava a pedir-lhe a mão — propunha uma charada para ser decifrada pelo pretendente; e o que não a decifrava era posto fóra debaixo de uma chuva de chufas e risos de escarneo. Mandou deitar pregão de que esperaria aquelle — fôsse quem fôsse — que decifrasse uma charada que ella apresentasse.

Por fim, certo dia houve em que se reuniram



EDUCAÇÃO RACIONAL — LIÇÃO DE GEOGRAFIA

(Fotografia lo natural)

tres alfaiates; dois pensaram que — visto não terem feito na sua vida outra cousa que não fôsse dar pontos sem nunca se enganarem — era natural que decifrassem a charada; o terceiro era um rapaz muito doidivanas que nem mesmo sabia o seu officio; todavia calculava que talvez tivesse sorte, pois outros direitos lhe não assistiam.

Os outros companheiros bem lhe disseram para o dissuadir:

— Fica tu em casa; que vaes tu lá fazer? com o migalhinho de esperteza que tens, não irás longe.

O alfaiate não se desconcertava e respondia sempre:

— Uma vez que se me encasquetou isto na cabeça, a cabeça se encarregará de lhe dar remédio — e erguia a cabeça, tomando ares de gransenhor que tem o rei na barriga.

Todes tres participaram á princeza que estavam ali aguardando lhes dissesse a charada, pois tinham uma intelligencia tão fina que quasi se podia enfiar n'uma agulha!

A princeza, então, respondeu-lhes:

— A minha cabeça tem duas qualidades de cabelo; de que cor são?

— Se é só isso dir-lhe-hei — respondeu o primeiro — que uma é preta e a outra branca, como os pannos a que chamamos de sal e pimenta.

A princeza replicou:

— Erraste. Responda o segundo.

— Então — redarguiu o segundo — se não é preto, nem é branco, é



A FESTA DA ARVORE NO LICEU «CAMÕES» — VID. «CRONICA OCCIDENTAL»

(Cliché Benoliel)

castanho e avermelhado, como a fatiota domin-
gueira do senhor meu pae.

— Erraste tambem. Cabe a vez ao terceiro;
veja pela sua cara que o sabe com certeza.

O terceiro pretendente approximou-se resolu-
tamente e disse:

— A princeza possui na cabeça um cabello de
ouro e outro de prata; estas é que são as quali-
dades e as côres do cabello.

A princeza, ao ouvir isto, tornou-se pallida e
pouco faltou para não ter um deliquio de susto,
pois que o moço alfaiate acertara e ella sempre
suppoz que não houvesse ninguem que chegasse
a descobrir isto.

Quando tornou a si, disse:

— Isso ainda não é sufficiente para te conside-
rares vencedor; ainda tens de fazer outra consa:
na cavallariça está um urso e é ao pé d'elle que
tens de passar a noite; se amanhã ainda viveres,
então, sim, então podes considerar-te vencedor e
crêdor da minha mão.

Ora ella pensava que—procedendo assim—
ficava livre do moço alfaiate, pois que o urso
ainda não tinha deixado de espatifar qualquer
homem que lhe caísse nas garras.

O nosso alfaiate não se deixou intimidar e res-
pondeu todo satisfeito:

— Quem não se arrisca, não aprisca!

Ao cair da tarde o esperto alfaiate foi levado
para o aido do urso que, muito naturalmente, o
quiz abraçar com as suas robustas patas.

— Devagar, devagar— disse-lhe o rapazelho.

— Logo amansarás.

Então, muito pachorrentamente, como se nada
tivesse de que temer-se, foi á algibeira do casaco
e tirou nozes italianas; partiu-as e comeu-lhes o
miolo. Quando o urso viu isto, teve vontade de
fazer o mesmo, tentando comer uma noz. O al-
faiate foi á algibeira e deu-lhe uma manchaia,
mas de seixos.

O urso, porém, não foi capaz de partil-os em-
bora se fartasse de dar aos queixos. Por isso pen-
sou consigo:

— Oh, senhores, pois um marmanjo como tu, é
tão mal geitoso que nem habilidade tem para
quebrar nozes?— e, dirigindo-se ao alfaiate, pe-
diu-lhe: — Meu amigo, partes-me as nozes?

— Que diabo de grosseirão és tu que— com
uma bôcca tamanha— não sabes partir uma noz
pequena?

Pegou então no seixo e, n'um ápice, substituiu
por uma noz que mettu entre os dentes e a parti-
u em duas metades.

— Ora, vou experimentar isso mais uma vez
— disse o urso— ao vêr fazel o parece me facil
e creio que o conseguirei:

O nosso heroe entregou de novo os seixos ao
animal que se fatigou a trincar-os, trabalhando
com todas as forças do seu corpo.

Mas nem tu, meu leitorzinho, admittes a possi-
bilidade d'elle os partir.

Como desistisse, o moço alfaiate foi tirar de
dentro do casaco uma rabeca e tocou uma coi-
sita: assim que o urso ouviu os primeiros accor-
des, não poudo deixar de dançar, e depois de ter
dançado durante algum tempo, gostou tanto que
disse para o seu companheiro:

— Olha lá: é muito difficil tocar rabeca?

— Muito facil! Olha: os dedos da mão esquerda
apoiam-se em cima, e os da direita movem sua-
vemente o arco, e logo vibra um alegre *froliróli!*

— Gostava de tocar rabeca como tu, para po-
der dançar todas as vezes que me dêsse na von-
tade. Que me dizes a isso? Queres ensinar-me?

— De muito boa vontade— respondeu o moço
alfaiate— se mostrares geito. Mas, primeiramente,
deixa vêr as patas; como as unhas são compridas
de mais, vou aparar-t'as um pouco. Em se-
guida foi buscar um torno e o urso pôz-lhe as
patas em cima; o moço alfaiate, porém, atarra-
chou as com firmeza, dizendo depois:

— Agora espera que eu volte com a tesoura—
e deixou urrar o urso quanto lhe appetecia; dei-
tou-se ao canto sobre um mólho de palha e dei-
xou-se dormir.

A princeza, ouvindo de noite os fortes urros do
urso, suppoz que fôsse de contentamento por
ter dado cabo do moço alfaiate. De manhan le-
vantou-se muito descuidada e satisfeita. Ao en-
trar, porém, no aido, vê o rapazinho muito lépido,
são e contente como um peixe n'agua.

Então já nada podia dizer em contrario do que
dissera em publico. O soberano mandou vir uma
carruagem em que a vaidosa menina teve de
metter-se para ser levada á igreja onde se casa-
ria o moço alfaiate.

Os outros dois alfaiates— que tinham uma
alma perversa e invejavam a sua bôa sorte— fô-
ram ao aido logo depois da partida da carrua-

gem e soltaram o urso que se pôz perseguil-os.
A princeza— que o ouviu urrar assustou-se e
exclamou:

— Ai, que o urso vem atraz dzente, a fim de
nos matar.

O moço alfaiate, muito ligeir collocou se de
pernas para o ar, passou-as peljanellinha, em-
quanto gritou:

— Lembra-te do torno, do triquete? Volta
para o aido, vae-te embora se lo queres que te
ponha lá outra vez!

Assim que o urso ouviu fal em torniquete,
virou costas e desatou a fugir.

O nosso heroe foi muito socadamente para a
egreja aonde a princeza lhe eu a mão de es-
posa, e viveram contentes quecem cotovias.

E quem não acreditar n'ca historia tem de
pagar prenda.

(Das *Historias Maravilhosas no flo*).

HENRIQUE LARQUES JUNIOR.



INVERNO

(Do livro *Auto das Quatro estações*, de Antonio
Corrêa d'Oliveira).

Vespera de Natal

(Excerpt)

CORA

Nasceu Christo em nessas almas,
Deixa-se estar, que está bem:
— Cada qual é seu irmão;
Toda a mulher, sua mãe.

OUTRA VOZ

A doutrina de Jesus
Cabe toda num preçito:
— Dar aos outros a nossa alma;
Trazer os outros nojeito.

CÃO

Ha de vir Jesus ao nundo
E dizer, do mar á serra:
— O meu Reino er dos céus?
Tambem agora é d terra.

João, que veiu fazer rda á fogueira, enquanto
Maria prepara a mea para a Consoada:

Oçam um conto:

— Uma vez

Era um pobre poruguês,
No meio da terra irava,
De trabalhar se esquecia;
Deitava-se ao sol, dormia,
E ao seu desejo entregava
O arado da fantasia...

As miserias que passava!
Fomes, frio,
Por esses inverna fóra,
Quando o vento iorte chora,
Gela o rio,
— A's vezes sem têr em casa
Uma migalha de pão,
Dôce olhar
De uma brazza
Que lhe sorrisse do lar,
No meio da escuridão.

Mas sonhava, noite e dia,
Com thesoiros que não via!
— Era fama
Que os moiros, no tempo antigo,
Fugindo para a Moirama
Ante o poder inimigo
Da nossa Fé, dura guerra,
(Pobres moiros!)
Tinham deixado thesoiros
Enterrados,
Encantados
Nas profundésas da terra...
Quantos a vida consomem
Em sonhos vão!

O nosso homem,

Agora o vereis cavando
Sob os penedos, — ju gando
Vêr a negra terra cheia
Dos bens que leva na kleia.

E, — sonhando tal riquêsa! —
Vive em tamanha pobrêsa
Que faz rir a quem o veja...

O CEGO

Mas fóra melhor chorar...

UMA FIANDEIRA

Ai triste de quem deseja
O que não ha de alcançar!

João

«— Ora, na aldeia vizinha,
Havia um homem que tinha
Outro pensar, outro vêr:

Este homem sabia lêr...
E sabia, por sciencia
De portiada experiencia,
Alcançar da Naturêza
A verdadeira riquêsa
Que ella tem em toda a parte:

Com amor, trabalhos, arte,
Viva fé, — todos os dias
Lavrava as terras bravias,
Tornando os tojos em pão,
Obrigando a muda fragua
A dizêr segredos de agua
Que tinha em seu coração...

E assim, cavando e minando,
Enriquecêra, — chegando
A corrêr por todo o mundo,
Serra em serra, atalho a atalho,
A fama do seu trabalho
E do seu sabêr profundo...

O CAVADOR

Não ha melhor companhia,
Na vida, do que uma Enxada!
— Ameigando a terra inteira,
Dá tudo, e não pede nada.

João

«Vae depois,
Adregou, em certo dia,
Encontrarem-se estes dois.

E o homem rico dizia,
Vendo o pobre:

— Na fartura que me sôbre,
Eu posso fazer feliz
Esta miseria... —

Assim diz,

Assim faz:

Levou-o de alli consigo;
Fêl-o seu hospede e amigo;
Assentou-o á sua meza;
Deu-lhe da sua riquêsa;
Encheu-o da sua paz.

E o Pobre diz, com espanto:

— Meu vizinho,
Como enriqueceste tanto?!

Thesoiros buscando em vão,
Fui de caminho em caminho;
Terras de pão e de vinho,
Negaram-me o vinho e o pão... —

Torna o Rico:

— Aprende, Amigo,

E considera contigo
Estas palavras:

A terra,
E' certo que em si encerra
Maravilhas e thesoiros,
— Não deixados pelos moiros,
Mas sim deixados por Deus,
Criador da vida.

Escuta:
Para sêrem encontrados,

Unicamente é preciso
Trabalhar! — sabêr a gente
Transformar, alegremente,
Sáfara terra, a mais bruta,
No mais verde paraíso...

Não andes em correrias
Atraz de vãs fantasias.
A' terra amiga, tambem
Não peças o que não tem:

Debaixo de aquella fragua
Procuras oiro? — Illusão!
Procura mas é a agua,
Minando mais fundo: e então
A agua te dará pão
Que inda é mais do que oiro, — é vida.

Como a vára de Moisés
Dando luz á sêde escura,
Homem! trabalha: e a teus pés,
Da negra terra que vês
Ha de nascer a Fatura... —

O CEGO

A terra é toda um thesoiro:
Como nos contos de fadas,
— As raizes enterradas
São encantamentos de oiro...

João

Amigos! esta lição
Tem um sentido encoberto,
E eu quero dizê-lo ao certo,
Pede-m'o meu coração:

Este homem pobre, afinal,
Quem vinha a sêr?...

— Portugal.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.



O NOSSO SUPLEMENTO

Perfume dos Campos

Quadro de Luciano Freire

Tendo de brindar os assinantes desta revista com um mimo de arte que todos os anos lhe oferecemos, nenhum melhor se nos deparou agora do que um quadro moderno, produto da fantasia de um pintor e professor já consagrado pela critica.

Trata-se de Luciano Freire e bem me lembro da primeira obra que dele conheci — a prova final do seu curso de pintura historica — *Agar e Ismael*, que para logo me fez nutrir a esperança de que estava ali um artista de futuro.

De facto, pouco depois, Luciano Freire, pintava o quadro, *D. Sebastião*, que era adquirido pela Camara Municipal de Lisboa, e no concurso aberto pela mesma Camara a que concorreu com o seu quadro *Martin de Freitas deante do tumulo de D. Sancho II*, alcançava o segundo premio.

Não se ficou, porém, na pintura historica, mas alargou suas vistas pela paisagem, observando-lhe os quadros ridentes da sua vejetação exuberante por manhans de estio, ou aprofundando-se na dolorida tristeza dos dias de inverno, quando a tempestade rugue sob o ceu plumbio, nimboso.

Tambem neste ramo da arte se avantajou singularmente, quando a pintura animalista o tentou e, então, pinta o *Transviado*, a *Venda do leite*, a *Ração*, etc., e quer neste genero, quer na paisagem, honra o seu mestre que foi Silva Porto, como na pintura historica bem aproveitou as lições do seu professor Lupi.

A sua predileção pelo mar, que ele ama desde a infancia e a cuja vida aventureira quizera dedicar-se, não podia passar indifferente ao artista, e da sua paleta sahiram estudos e quadros da vida maritima, como os *Barqueiros*, que me lembre e não me esquece, pelo muito que me impressionou a verdade flagrante deste quadro pintado por mão de mestre.

Mas Luciano Freire, na sua extraordinaria atividade espirital, não se saciava facilmente, e a febre de um trabalho progressivo aquecia-o e incitava-o para a fantasia da arte, para a concepção das alegorias, concretas, simbolicas de um pensamento poetico, cristalizado, na vaporosa figura de mulher, evolvendo-se do calice de uma flor, como o seu perfume a exalar-se no vasto ambiente da amplidão infinita.

E' o *Perfume dos Campos* a exalar-se por sobre a atmosfera fumarenta, miasmatica das cidades, onde a vida se agita num trabalho escravidor, numa luta constante de dança macabra, no turbilhão das paixões, esgotando as ultimas forças que vão perder-se nos abismos da morte.

Exposto numa exposição de arte de Barcelona, a critica ali o apreciou como obra notavel e as illustrações o reproduziram.

O governo português adquiriu-o para o Museu Nacional de Arte Moderna, onde breve boderá ser apreciado pelo publico.

Vão um tanto longas estas linhas para o restrito do assunto e espaço que me é permitido. Não entrarei por isso na apreciação do restaurador de quadros, ou melhor, como dizer, *restituído*, tal a arte e ciencia com que Luciano Freire realisa essas resurreições das obras primas da pintura portuguesa, em que avulta o pulptico de S. Vicente, de Nuno Gonçalves, cujas obras ha tanto tempo se procuravam em vão, e que hoje, mercê do singular restaurador, são do dominio publico, mais do que isso, do dominio mundial, onde a sua revelação constituiu um acontecimento artistico da arqueologia da pintura, confirmando a existencia de uma escola portuguesa quinhentista.

Já não nos resta espaço para falar do professor e secretario da Academia, da sua oporositade incançavel, na refôrma por que este estabelecimento vae passar, como a secção de pintura do Museu Nacional; do cuidado e improbo trabalho de coordenar e salvar de perda irreparavel a copiosa e preciosa coleção de estampas da Academia; de muitos outros frutos da sua atividade subcidiados por uma illustração pouco vulgar nos nossos artistas.

C. A.

Chronicas Lyricas

Theatro de S. Carlos

OPERAS — *Madame Butterfly* e *Aida*

A nossa capital não podia entrar na sua tranquillidade habitual, sem estar aberto o seu theatro lyrico! Em todos os tempos a inauguração da epoca em S. Carlos era sempre um acontecimento



MAURICIO BENSUAUDE

no nosso acanhado meio musical, agora muito maior era o interesse, não digo por terem saudades de boa musica, pois a arte foi sempre uma coisa secundaria em S. Carlos, mas havia no sangue do *alfacinha* o microbio da curiosidade, de saber quem estaria nos camarotes, nas frias, na platêa, emfim banalidades das quaes vive o lisboeta que não tem nada que fazer.

Pelas duas operas ouvidas até esta data é de crêr que tenhamos uma temporada de boa musica e que ficaremos satisfeitos com a nova empreza Baceta e Callejas, do *Real* de Madrid.

Não deveremos passar em silencio o nome do illustre artista Mauricio Bensaude actual representante da empreza, e que devido á sua boa vontade e grande amor pela arte em Portugal, temos o theatro de S. Carlos aberto!

A opera de inauguração foi a *Butterfly* de Puccini pela insigne cantora Rosina Storchio que tem n'esta peça um magnifico trabalho de cantora e actriz, principalmente no 2.º acto, em que recebeu grandes ovações.

O tenor Ueton, artista novato, possui voz bonita, sendo ouvido com agrado.

O sr. Quercia, barytono novo para o nosso theatro, revelou-se artista correcto, estando bem em scena.

O soprano Pancrazi regularmente.

O maestro Giannetti desconhecido para nós, rege bem a orchestra, procurando os coloridos da musica, pena é que a orchestra esteja bastante fraca nos naipes dos violinos.

Os côros pouco seguros por falta de ensaios, principalmente a entrada do côro no 1.º acto.

A opera *Aida*, tão querida do nosso publico, teve um desempenho brilhante.

A sr.ª Crestani, que nos apparece pela primeira vez, revelou-se artista de bella voz, conhecendo bem a opera. Foi applaudida com justiça.

A meio soprano Hatkowska, conhecida de ha dois annos em S. Carlos continua cantora de bella escola, tendo sido applaudida no duetto do 2.º acto e na scena do julgamento.

O tenor Zinovieff é um russo de boa voz, mas necessita aprender ainda a conduzir bem a emissão das notas, para que o canto não saia fóra do rythmo.

O barytono Ancona é um cantor querido do publico de Lisboa, é um bello artista, sabendo cantar admiravelmente.

O baixo Rossato, uma voz magnifica.

A opera está bem posta em scena.

O maestro Giannetti continua agradando.

Eis o que tem sido as operas até esta data, opinião exposta com a maxima sinceridade como é nosso costume.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Concluido do n.º 1187)

Parece-me que antes de expirar o dia já Ruth sabia tudo, mas não quiz falar do assumpto e eu muito menos.

Mas... como haviamos de fingir tristezas, quando os nossos corações trasbordavam de alegria?

O mundo era agora nosso e a ilha de Ken parecia surgir magnifica e luminosa a nossos pés. Assim como os dias tristonhos da natureza se haviam marchetado sob o mortifero nevoeiro, do mesmo modo agora contrastavam com o resplendor do sol.

O bosque animado com a musica alegre dos passaritos, as pedreiras verdes e esmaltadas de flores, os campos cobertos de vegetação dos dias bons, tudo florescia e parecia reviver á vontade de Deus.

Jámais espectáculo semelhante se apresentou aos olhos d'um naufrago, nem o convidou a desembarcar n'uma praia tão generosa.

De mãos dadas, eu e Ruth passeamos pelos bosques e pareciamos estar no proprio Paraíso.

E ella?...

Quem é capaz de ler o pensamento de uma mulher em horas como aquellas?

A mim, bastava-me vê-la tal qual como fóra noutros tempos. O seu rosto tomara á expressão carinhosa d'aquelles dias em que era livre, seus olhos chispavam com a alegria de viver, o seu passo era tão leve que parecia não tocar a areia do caminho, e nem as folhas das ervas se dobravam com o seu peso.

Ainda julgo ouvir a sua voz quando erguendo a sua cabecita até quasi me tocar o rosto, me perguntou:

— Jasper! Jasper! não será tudo isto um sonho? Como poder i crer que seja verdade? Voltamos a vér outra vez a nossa casa, o senhor e eu? Ah!... diga, diga, Jasper, repita-me outra vez para me não esquecer!

Estavamos n'este momento na parte mais elevada do bosque, e detivemo-nos a admirar o pequeno valle, lá em baixo, onde as rochas mostravam os seus verdes musgos e cada penha parecia coberta de flores estranhas que se abriam ao sol, e os riachos corriam com murmúrios encantadores. Mais ao longe, na planura aberta, via-se umas casitas pequenas que pareciam de bonecas e as ruínas do bungalow. Ali, no meio d'aquelle panorama encantador, e com a recordação dos dias passados, varridos da imaginação e sem mais ter em que pensar, senão no que me dera o direito de amparar aquella mulher dos meus sonhos, disse lhe:

— E' verdade, Ruth... Deus sabe que é verdade... Um homem a amou com toda a sua alma e a tem amado durante estes tristes mezes. E' um homem simples, sem elegancia e com escasso conhecimento do mundo, mas aguarda ansioso que lhe diga se está disposta a levantalo até ao seu nivel e ser digno de lhe chamar...

Fez-me calar com uma exclamação de alegria deitando-me os braços ao pescoço e occultando o seu rosto no meu peito.

— Ah! Jasper, Jasper!... Meu querido! Não digas mais! Pois estavas tão cego que o não percebeste logo?

Estas palavras soaram aos meus ouvidos como acordes de suavissima harmonia.

Ruth chamara-me «seu querido!» Até ao fim da minha vida terei aquellas palavras como a coisa mais preciosa da minha existencia.

Dez dias depois de ter passado a época do somno, fomos recolhidos por um navio de guerra americano, o *Hatteras*, que nos trouxe a todos para Inglaterra.



A CASA SUBMARINA, CAP. XXV

... deitando-me os braços ao pescoço e occultando o seu rosto no meu peito

Deixei a ilha conforme a tinha encontrado: com os seus segredos occultos e os seus mysterios por sondar.

Os vapores mortiferos, continuam elevando-se periodicamente. Se procedem, como assegura o dr. Gray, dos pantanos da ilha que exhalam gazes pestiferos ao S. ou se é nevoeiro das montanhas que se caldeia e sobe quando as plantas morrem, ou se é vapor mais subtil que vem da terra mesmo: isso são questões que deixo aos sabios para resolver.

Pela minha parte acabei para sempre com neves e com a ilha de Ken e espero não tornar a vér os seus montes nem os seus valles.

O mundo está a chamar-me; volto para minha casa.

A minha Ruth adorada é agora minha mulher e julgo que é feliz porque encontrou enfim quem a soubesse estimar e dar-lhe o carinho que ella realmente merece.

Para nós, espero em Deus que brilhará eternamente o sol; porque a noite do somno, d'aquelle somno terrivel não existirá enquanto tiver ao pé de mim a minha querida mulher.

Dolly Venn casou tambem com Rosamunda e as duas irmãs d'esta estão em sua companhia esperando noivo que não será difficil encontrar.

Peter Bligh foi presenteado com um *yacht* que Ruth lhe deu em paga dos serviços que prestou na ilha de Ken, e tanto elle como Seth Barker lá andam no caminho da India trazendo e levando mercadorias em que tiram bons lucros.

Quanto ao *Cruzeiro do Sul*, sube mais tarde que tinha ido para o fundo com toda a tripulação naquella noite de tempestade, em que um raio lançou fogo ao bungalow e quando ainda ia a caminho de S. Francisco.

RICARDO DE SOUSA.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assinantes o indece e frontespicio do presente volume.

É tambem oferecido aos srs. assinantes um **Suplemento Brinde:**
O Perfume dos Campos, Quadro de Luciano Freire.

Este suplemento avulso custa **200 réis** e com o numero **320 réis.**

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está publicado e recebem-se encomendas, na Empresa do "Occidente" Largo do Poço Novo — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença* de todas as doencas e sempre que é preciso *levantar as forças*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast*, e dá o melhor de constituição fraca e das *doencas* que tem excesso de *trabalho* intellectual ou physico. Um *copo* de *vinho* representa um bom *bife*. A *doença* das *diarracias*.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para colleccões.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200

Suplemento ao n.º 1188 do "Occidente"

30 de Dezembro de 1911



O Perfume dos Campos

QUADRO DE LUCIANO FREIRE, DO MUSEU NACIONAL DE ARTE MODERNA.